

NA CONTRA MÃO SOCIAL: QUEM SÃO ESSES?

Lindalva Freire

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB

Lindalva.freire@hotmail.com

GT 05: CULTURA, LINGUAGEM E IDENTIDADES REGIONAIS

Resumo:

Este artigo tem por objetivo discutir a formação das identidades regionais e a questão do preconceito geográfico que não respeita as especificidades regionais, como se o sucesso ou insucesso dos sujeitos fossem determinados pela região na qual nascem. O que se percebe é um país que não conseguiu a liberdade tão idealizada pela Lei Áurea; pois a escravidão mudou a forma, nela está não os negros, mas a minoria excluída, dizimada pela falta de oportunidade, num país marcado pelas desigualdades sociais, onde o povo é manipulado de forma vergonhosa, deixando-se manejar pela engenhosidade daqueles que nasceram para deter nas mãos poder, destinados a comandar com pulso firme e corrupto o destino daqueles que não conseguem se ver como gente, pois se permitem ser coisificados. A “elite do atraso” precisa manter as estruturas para que continue o caos social e o povo não se perceba como arqueiro que tem nas mãos a “flecha” que poderia transformar o panorama político, social e econômico do país.

Palavras-chave: Elite do atraso; Identidade; Preconceito Regional; Poder.

1 Introdução

A identidade regional e o preconceito geográfico são vivências reais para as pessoas que são segregadas por diferirem dos parâmetros ditados e aceitos socialmente. Seja de qual região for, o preconceito intrínseco leva o indivíduo a minimizar suas capacidades sentindo-se e sendo muitas vezes excluído socialmente.

O “atraso da elite” permite a visão descortinada dos grupos oprimidos vítimas inocentes da sapiência de um grupo que se aproveita da ingenuidade do povo para manter-se no trono. Soberanos, que são, se utiliza de todos os artifícios para manter a ordem estabelecida desde a

(83) 3322.3222

contato@erespp.com.br

www.erespp.com.br

colonização; momento em que teve início a massificação dos oprimidos cultural, social e cultural.

O povo brasileiro não teve a sabedoria necessária para sobressair-se da situação a ele imposta, aceitando a dominação como algo natural, contra a qual nada se pode fazer. Não foi analisado pelos oprimidos o preço que seria pago ao longo dos séculos ou o que isso significaria realmente para o país.

A elite sempre deteve o discurso e ditou os caminhos pelos quais a chamada ralé devia caminhar, ditou as estruturas do poder, elaborou regras imutáveis ao longo do tempo, utilizando-se de todo e qualquer instrumento que servisse aos seus propósitos; para tal fim as mídias são fundamentais para convencer a população de que os instrumentos elitistas são viáveis e cabíveis para a suposta melhoria que a população tanto necessita. Para a manutenção da ordem urge convencer os sujeitos de eles são incapazes, utilizando-se dos mais diferentes artifícios, das propagandas enganosas a questão regional; pois é fato que as identidades carecem de firmeza e consistência; pois o povo é facilmente influenciável por qualquer palavra bem colocada pelas mídias,

É como se o sucesso ou insucesso dos sujeitos fossem determinados pela região onde nascem; deste modo os nascidos no Centro-Sul têm muito mais chances de sucessos que os nordestinos, vítimas cabais do preconceito desde sempre.

Deste modo o presente trabalho pretende discutir a formação das identidades regionais e a questão do preconceito geográfico que não respeita as especificidades regionais. Para essa pesquisa bibliográfica foram utilizados como referência (JESSÉ DE SOUZA, 2017) e (ALBURQUEQUE JR); pois se entende que os paradigmas que permeiam os grupos segregados carecem de análise aprofundada e conhecimento para que tais dogmas não sejam parâmetros para as futuras gerações.

2 Na contramão social: quem são esses?

Que país é esse? A indagação poética serve de pano de fundo para a discussão acerca do país e dos elementos nele inseridos, as muitas “Marias” e “Silvas” sem rosto e sem nome existentes neste país de blocos e sub-blocos que categoriza os sujeitos de acordo com o padrão determinado pela minoria que domina os mais diversos setores político-sócio-econômicos determinante para a formação social atual.

O processo histórico de colonização está tão entranhado nos sujeitos que estes não se vêem como capazes de mudar a história; como se o chamado colonizador, forte, audaz, culto, fosse a

única figura capaz, neutralizando a ação daqueles que não descendem e não tem o sangue puro daqueles que dizimaram o Brasil e suas riquezas; tornando o território árido, pobre e atrasado.

Deste modo é fácil perceber que “a questão do poder é a questão central de toda sociedade” (JESSÉ DE SOUZA, p.16); pois nela se configuram inclusos e excluídos, no entendimento de que os inclusos são aqueles poucos privilegiados, aceitos em todas as esferas, com o apoio incondicional dos excluídos, que muitas vezes cegos em sua ignorância não se apercebem do exímio jogo de xadrez do qual fazem parte; são peões numa roda viva de legitimação de poder; seja através dos discursos ideológicos das campanhas eleitorais que cegam os analfabetos funcionais e as pessoas mais simples, embebidas no palavreado elitista e compreendido como moeda de valor haja vista, que tais falas vem imbuídas de um conteúdo dúbio e incompreensível para a maioria da população; uma vez que nas palavras de Jessé de Souza (2017, p.16):

[...] só pode exercer seus efeitos porque está ancorado em acordos políticos e jurídicos que refletem o poder relativo de certos estratos sociais. Assim, para se conhecer uma sociedade, é necessário reconstruir os meandros do processo que permite a reprodução do poder social real.

O poder social real está nas mãos daqueles que conhecem e sabem fazer uso da influência que têm; mesmo que tal seja nociva para o povo e o país; não importa, pois o que está em voga é a manutenção do poder, da alienação e o ego alimentado; fato que acontece quando esse pequeno grupo consegue imiscuir-se no meio do povo, seja com falas alienantes, deturpantes ou com falsas promessas, conseguindo, assim o objetivo a que se propôs.

Neste processo, o ego é alimentado e o povo esmagado; já que nesse meio de poderes não é um simples peão quem determina a jogada; é o rei, o ser supremo que no afã de conseguir o que almeja não mede esforços; não tem empecilho; pois os que se atrevem a fazer frente à esta figura ilustre, são massacrados para servir de exemplo para que outros não tentem mudar o panorama histórico vergonhoso e decadente desta tão querida pátria; criando deste modo “o “imbecil perfeito” [...], o cidadão espoliado [...]” (JESSÉ DE SOUZA, 2017, p.17); que não se enxerga como peão, mas como um agente de mudanças.

Quem são estes cidadãos tão embotados pela precariedade da situação em que vivem que não vêem as coisas como deveriam? Estes são os herdeiros diretos e indiretos de uma coletânea de fracassos ao longo de uma vida; da ancestralidade a atualidade; as histórias se repetem como num eco; minimizando as forças, neutralizando ideais, tornando o sujeito um ser abstrato; fácil de ser comandado; como aconteceu durante os quase três séculos de escravidão oficial de indígenas e

negros africanos, seres insignificantes e doravante excluídos do mundo padronizado idealizado pela minoria.

O ser ninguém está tão entranhado no povo brasileiro que ele não consegue a carta de alforria, a liberdade tão sonhada e a vida que ele deveria ter; de modo que urge “examinar de que modo “a interpretação dominante” [...]”; distorce a realidade levando o sujeito a internalizar falsos conceitos, aceitar regras e normas inviáveis a condição humana num sem fim de exploração que perpassa os séculos.

O século XXI não trouxe consigo o tão sonhado progresso, uma vez que são gritantes as situações ignóbias em que vivem a maioria do povo brasileiro; inculto, ignorante e fácil de ser manipulado pelos aparatos políticos e enganado pelas engrenagens midiáticas que, muitas vezes o torna refém de propagandas enganosas, que prometem o mundo e dá a lama, o suado grilhão de um salário vergonhoso, que não lhe dá a menor condição de viver com dignidade. Em outros termos “o trabalho de distorção sistemática da realidade, realizado pela mídia foi extremamente facilitado pelo trabalho prévio de intelectuais que forjaram a visão dominante, até hoje, da sociedade brasileira” (JESSÉ DE SOUZA, 2017, p.18).

O fato é que se criam histórias tão convincentes, que o próprio marginalizado no processo passa a sentir valorizado, importante; não conseguindo enxergar os desvarios elitistas dos quais são vítimas. É a escravidão ao reverso. A morte paulatina das crenças, da autoestima; mas tão mascarada que o indivíduo não percebe até ser tragado pelas teias da injustiça, do descaso e da falta de tudo a que ele deveria ter direito; educação, trabalho e salário decente e digno, saúde, lazer; aspectos mínimos os quais as pessoas deveriam ter acesso, sem ser preciso mobilizações, greves e paralisações. “Cria-se, com isso, uma mentalidade do “senhor”, dos países que mantêm uma divisão internacional do trabalho que os beneficia como “merecimento”, e uma mentalidade de “escravo”, daqueles povos criados para a obediência e para a subordinação” (JESSÉ DE SOUZA, 2017.p.22).

Neste revés social fica clara a intenção de continuidade dos paradigmas existentes, porque não é interessante se resolver problemas que se perpetuam e servem de texto para campanhas políticas; como a questão hídrica do Nordeste, pois já se sabe que esta é uma situação que os políticos nunca quiseram de fato resolver; basta ver a obra faraônica iniciada ao longo do Rio São Francisco; a chamada transposição, que nada trouxe de benefícios reais para as populações que deveriam ter sido há muito beneficiadas pela execução do projeto; evidenciando que esta, como muitas outras é uma forma legal de alguns cidadãos se tornarem alguns milhões mais ricos.

É exatamente neste território chamado Nordeste aonde a perpetuação histórica do processo civilizatório nunca chegou ao fim; trabalho escravo, condições subumanas de vida, seca, devastação, atraso social e cultural, além do preconceito, são marcas indeléveis que o tempo não conseguiu apagar da história nordestina. É como se, o nascer nesta região já tornasse o sujeito estigmatizado e fadado ao fracasso.

A história não mostra o sucesso dos nordestinos, homens fortes e valorosos que sabem como ninguém conviver com as intempéries; mostra a versão caricaturada, atrasada, ignorante e pobre social e culturalmente; ou seja, “sem a consciência crítica da ação dessas ideias sobre nosso comportamento, somos todos vítimas indefesas de uma concepção que nos domina sem que possamos sequer esboçar reação” (JESSÉ DE SOUZA, 2017, p.24).

O Nordeste não é só retrocesso, possui uma história digna de conhecimento; a crise hídrica não é o principal grilhão social; o povo não é analfabeto em sua totalidade; a educação acontece em todas as esferas, os nordestinos fazem sucesso nacional e internacionalmente e, a inteligência é marca registrada deste povo que desde sempre aprendeu a driblar as dificuldades, transformando possíveis fracassos em mola propulsora para a sobrevivência.

Neste vasto território brasileiro cada região apresenta suas peculiaridades, mas apenas o Nordeste aparece de forma caricata e os nordestinos são transformados em figuras grotescas. O Sul é a Europa brasileira, herança dos imigrantes que ali fizeram suas moradas. O norte é o pulmão do Brasil, por causa da maior floresta tropical do mundo, alvo de curiosidade mundial por causa dos remanescentes indígenas que moram no norte do país e das riquezas minerais existentes nas terras indígenas; o sudeste é o símbolo do desenvolvimento, não se fala das mazelas, senão nos jornais sensacionalistas e, está acontecendo na Região Centro-Oeste, no coração do Brasil, o maior escândalo da história política brasileira, a vergonha nacional, nossos representantes desviando para seus cofres particulares as divisas do povo brasileiro, querendo suprimir direitos, presos por corrupção, numa delação premiada sem fim que coloca em voga as fraquezas e a corrupção de figuras respeitadas do cenário político brasileiro.

Em outros termos cabe mensurar que:

A nosso ver, ao pretender estudar o regionalismo como um dado, um fato social (de cultura), o autor está de certa forma contribuindo para reativá-lo, reelaborando-o dentro da perspectiva de toda uma vertente da cultura nordestina – mais especificamente de toda uma produção formal regionalista que reforça a percepção da região como um conjunto "com perfil próprio". E esta produção, pelo lugar e papel dos intelectuais em nossa sociedade, contribui para a difusão desse "sentimento". (PENNA, 1992, p. 36)

Neste território dúbio de certezas e incertezas sabe-se que o povo acaba pagando um preço muito alto pelas escolhas incautas que faz quando se deixa manipular pelas elites e perpetua fracassos que se acumulam como:

[...] uma bofetada silenciosa, uma bofetada muda, não ofenderia ninguém, e pelo contrário: — vítima e agressor caíam um nos braços do outro, na mais profunda e inefável cordialidade. É o estalo medonho que a valoriza, que a dramatiza, que a torna irredutível. (RODRIGUES, 1993,p. 16).

É fato que o excesso de confiança é o caminho mais fácil para possíveis fracassos, já que as escolhas feitas sem um pensamento mais aprofundado, principalmente no que concerne à política, leva a um caos difícil de ser resolvido e impossível de ser assimilado na totalidade pela população leiga que não interpreta as entrelinhas do novelo político tecido nas malhas da corrupção passiva ou não; envergonhando a população de um país já tão marginalizada e excluída.

A operação lava-jato escandalizou a sociedade e trouxe à tona as barbáries políticas que todas as pessoas esclarecidas já sabiam; os políticos nacionais são uma vergonha e os brasileiros, facilmente corruptíveis por colocar no poder pessoas que de fato não tem a capacidade moral de representar a sociedade.

Jessé de Souza (2017, p.184) corroborando com o exposto acima afirma que:

Distorcer sistematicamente a realidade social e mentir e fraudar uma população indefesa é, por conta disso, fazer um mal incomparavelmente maior que surrupiar qualquer quantia financeira. É que o mal aqui produzido é literalmente impagável. O que se frustra aqui são os sonhos, os aprendizados coletivos e as esperanças de centenas de milhões. O que se impede aqui é o processo histórico de aprendizado possível de todo um povo que é abortado por uma empresa que age como um partido político inescrupuloso. Isso apenas para que fique registrado a noção de mal maior em uma sociedade que tende a perder qualquer critério de aferição e de comparação de grandezas morais.

É fato preocupante que o povo brasileiro se deixe levar pelas ideologias impostas pelas redes televisivas, que não enxergue o preconceito intrínseco de que são vítimas as minorias e todos aqueles que não se enquadram no sistema. É ainda mais grave a aceitação passiva de uma situação caótica que traz conseqüências nefastas para os profissionais e, imbeciliza as pessoas com falsas promessas de melhorias sociais.

Que melhorias são essas que mais de cinco séculos não conseguiu colocar em prática? Que pessoas serão realmente beneficiadas com as tão faladas reformas? O que será dos jovens, o futuro deste país, se tais reformas forem implantadas da forma idealizada pela elite que não conhece nada

das dificuldades reais vividas pelo povo das camadas mais pobres da população? E o mais relevante, a quem realmente tais propostas beneficiam?

Cumprir mensurar ainda que durante todos estes anos, o que se percebe é um país que não conseguiu a liberdade tão idealizada pela Lei Áurea; pois a escravidão mudou a forma, nela está não os negros, mas a minoria excluída, dizimada pela falta de oportunidade, num país marcado pelas desigualdades sociais, onde o povo é manipulado de forma vergonhosa, deixando-se manejar pela engenhosidade daqueles que nasceram para deter nas mãos poder, destinados a comandar com pulso firme e corrupto o destino daqueles que não conseguem se ver como gente, pois se permitem ser “coisificados” pelas decisões arbitrárias de um grupo que deveria defender e cuidar de sua população.

Albuquerque Jr.(2009,p.285) pontua que esse poder:

[...] nos envia a um espaço sob domínio, comandado. Ela remete, em última instância, a regio (rei). Ela nos põe diante de uma política de saber, de um recorte espacial das relações de poder. Pode-se dizer que ela é um ponto de concentração de relações que procuram traçar uma linha divisória entre elas e o vasto campo do diagrama de forças operantes num dado espaço.

De maneira que urge desmistificar paradigmas a fim de que o povo brasileiro se liberte dos grilhões que o escraviza, social, política, econômica e moralmente, pois apesar de se estar no século XXI, as vivências remetem a vivências escravistas, onde os escravocratas modernos alienam e criam seres sem identidade, e, portanto, facilmente manipuláveis.

É fato que se mudaram os panoramas políticos, as vertentes ideológicas estão mais frágeis pois o povo se acomodou e não vê mais pelo que lutar e para que mudar, já que todas as lutas ao longo da história terminaram com a execução ou a morte dos principais líderes. É exatamente neste pensamento, que os grupos dominantes se apoiam para não fazer o que deve ser feito. É por causa desse comodismo generalizado que o caos social se perpetua e os sujeitos se permitem viver situações de desesperança e aceitação de dogmas imutáveis ao longo do tempo; que fazem com que muitos tenham pouco; e, poucos tenham muito.

O que o povo se recusa a enxergar é o poder que detém nas mãos. A chave da mudança não está nas mãos dos políticos; mas nas de todos os “Silvas” e “Marias” que formam a base da pirâmide etária, pessoas que labutam todos os dias, cumprem seus deveres, arcam com seus compromissos, mas são cegos no que se refere a real situação do país, recusando-se a sair da situação de escravidão para adentrar nos porvis do progresso e das melhorias a que todos almejam e têm direito.

Cabe mensurar ainda, que a escravidão não é apenas aquela dos trabalhos forçados; a pior forma de escravidão é a alienante; aquela que faz do indivíduo escravo de si mesmo e de seus desejos. Nas camadas mais pobres, a chamada ralé, a escravidão está no desejo incontido de ter o que comer e melhorar de vida; nas camadas intermediárias é a vontade e o anseio de oferecer a si e aos seus aquilo que não tiveram; e a elite dominante se mantém refém do desejo excruciante de se manter no poder, sendo aquele que comanda, decide, lança a rede e colhe de acordo com o jogo a que se propôs.

De todo modo a escravidão torna refém todos aqueles que não conseguem enxergar o que é de veras importante; não são os ditames que devem fazer uma pessoa; os jogos políticos existem desde sempre; as chamadas ralés foram sempre menosprezadas; os ricos sempre deram um jeito de manter seus privilégios; e neste jogo de xadrez os peões, de um jeito ou de outro, sempre serviram ao jogo inteligente do rei.

Que rei é esse que controla mentes e direciona os caminhos a serem seguidos? Esse rei são as mídias, que com suas propagandas e discursos conseguem a jogada de mestre e coloca ou tira da evidência quem ela quer, levando as pessoas a consumirem desenfreadamente, criando um consumismo vicioso e escravizante; a ideologia política dominante, que corrompe as mentes ignorantes daqueles que se vendem por um saco de cimento; o medo que paralisa os indivíduos mediante a violência existente nas ruas; ou seja, “o quadro administrativo e não a liderança assume a proeminência e o efetivo exercício do poder – em próprio interesse e em desfavor tanto da liderança quanto dos liderados [...] (JESSÉ DE SOUZA, 2017,p. 168).

Neste Brasil de “brasis” as identidades são formadas mediante os insumos de uma história contada e recriada a partir do olhar elitista dos colonizadores que deixaram de lado a opinião e o olhar do oprimido na esfera regional; já que cada região tem suas mazelas e potencialidades; no entanto é do Nordeste que alguns autores se aproveitam para escrever obras que se espelham no fenômeno climático da seca e no sofrimento indelével que tal situação traz para os nordestinos; ou ainda focam em homens rústicos e analfabetos de fala arrastada, fumando boró, jagunços, coronéis, cangaceiros; dentre outros párias, pessoas sem identidade própria, fruto da precariedade socioeconômica de uma região que não é de fato conhecida por nenhum dos autores que descrevem tão grotescamente os tipos regionais nordestinos; pois dentro do nordeste existem outros nordestes e tipos glamourosos, ricos, bem-sucedidos e empreendedores.

O preconceito geográfico é um fato real, tão marcante que não leva em conta as capacidades dos sujeitos, a cultura inerente aos grupos; a pessoa em si; porque desde sempre:

Os grupos humanos, na maioria dos casos, buscaram definir suas identidades a partir do estabelecimento de diferenças em relação aos grupos mais próximos e, quase sempre, aos grupos inimigos, por disputarem o mesmo espaço, os mesmos recursos naturais [...]. (ALBUQUERQUE JÚNIOR, 2007, p.9).

Historicamente os subgrupos sempre foram segregados segundo os critérios determinados pela minoria e de acordo com preconceito que menosprezam todos aqueles a quem a sociedade considera inaptos ou fora do padrão.

As marcas do preconceito geográfico atravessam gerações e de tão entranhada nos indivíduos torna-os apáticos, submissos, desestimulados para desmistificar tal paradigma; haja vista que não o território que humaniza, capacita ou que o leva a ser gente; ele nasce gente com todas as possibilidades de progresso independente dos obstáculos que a vida lhe apresente; porque nada vem de graça para ninguém e, objetivos para serem alcançados demandam esforço e tempo.

3 Considerações finais

A inércia do povo brasileiro é fato preocupante e determinante para a perpetuação da visão estereotipada de que são vítimas milhares de pessoas neste vasto território chamado Brasil.

Há que se levar em conta que em todas as regiões brasileiras existem aqueles que não se adéquam ao papel deles esperado; são os párias; pessoas que não merecem respeito ou consideração.

Estão neste patamar as minorias, que há muito tentam se fazer respeitar; as mulheres, sempre menosprezadas e tratadas, ainda no século XXI, sob o prisma da visão machista, como frágeis flores incapazes de pensar ou tomar decisões, e mesmo mostrando e demonstrando sua capacidade a luta diária é árdua para que a sociedade a veja de forma diferente; os negros, que mesmo após séculos de escravidão ainda são vistos com “negros” numa clara inferência ao passado escravista; as crianças portadoras de necessidades especiais, que não têm direitos básicos respeitados ou postos de atendimento especializados como deveria; não apenas no concernente a saúde, como também a educação; os usuários, vistos apenas sob o prisma de drogados, sem a reflexão do porque destas pessoas se tornarem ou se permitirem tal situação degradante; os homossexuais muitas vezes massacrados e maltratados pelo próprio núcleo familiar; enfim qualquer sujeito que não se enquadre nos parâmetros são vítimas dos ditames elitistas.

O preconceito geográfico é apenas a ponta do iceberg, a desculpa esfarrapada de que se valem aqueles que têm nas mãos a forma de resolver a precária situação em que vivem milhões de brasileiros sem nome e sem rosto que trabalham todos os dias para dar vida às minorias detentoras do capital e dos meios de produção.

A “elite do atraso” precisa manter as estruturas para que continue o caos social, a pobreza, a violência, a seca do Nordeste, os analfabetos funcionais, ou seja, as engrenagens para que a cômoda vida dos privilegiados não mude; porque se o povo começar a se ver com ser dotado de razão e tiver o conhecimento necessário para tirar dos olhos o véu da estupidez, da falta de lucidez; os privilegiados deixarão seus postos de comando; a foto não será mais tão bonita e a história doravante seria escrita de outro modo.

No entanto para que tal contenda aconteça é preciso ainda uma longa caminhada, inserção de novos paradigmas mediante uma educação transformadora de mentes e da desmistificação de conceitos errôneos internalizados pelos sujeitos e repassados geração após geração como fator determinante para a perpetuação de determinada situação.

O povo é o arqueiro que tem nas mãos a “flecha” que poderia transformar o panorama político, social e econômico; mas os arqueiros estão tão acomodados ou desestimulados mediante derrotas sucessivas que não conseguem se vê como realmente são; fortes, capazes, destemidos e corajosos; porque mesmo a vela de flama mais fraca tem dentro de si; a chama que se chama vida.

4 Referências Bibliográficas

ALBUQUERQUE JÚNIOR, D. M. **Preconceito contra a origem geográfica e de lugar: as fronteiras da discórdia.** São Paulo: Cortez, 2007.

_____ A invenção do Nordeste e outras artes. São Paulo.

PENNA, Maura." **Examinando pressupostos: a região Nordeste**". In.: "O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o "escândalo" Erundina".São Paulo: Cortez, 1992.

SOUSA, Jessé de. **A Elite do Atraso: da escravidão à lava jato.** Rio de Janeiro: Leya, 2017.